

Lançamento do livro: *Poder e Moralidade: O totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade (2012)*

1. Considerações iniciais

1. O século passado começa para valer com a I Guerra Mundial. Até 1914 o século XX guardou respeitosa a visão de mundo do final do século anterior. Que tempo foi aquele conhecido por *Belle Époque*? Foi um tempo de acelerado progresso científico e tecnológico com grandes mudanças na vida das pessoas, ocasião de paz entre as nações européias, marcado pela polidez dos gestos e jovialidade das conversas, momento de preocupação exagerada com a vida social, tempo de grandes espetáculos teatrais, de belos musicais e concertos, do cuidado com a elegância das vestes, de exaltação da beleza feminina, de contenção dos gestos. Foi um período conservador, que rejeitava novidades, circunscrito aos afazeres pessoais, coqueteria nas conversas, olhar atento para a vida das personalidades, leveza e superficialidade das conversas nos cafés. Enfim, nas grandes cidades da Europa a vida social da burguesia e de uma crescente classe média privilegiava: o vinho com amigos, a companhia de mulheres elegantes, peças teatrais e espetáculos musicais.

2. A vida corria leve naqueles dias e se acreditava haver a humanidade alcançado um tempo de paz e progresso definitivo, momento superior do gênero humano a que o positivismo de Augusto Comte dera contornos intelectuais: valorização da ciência, divinização do gênero humano e sacerdócio exercido por cientistas e humanistas. É fato que sinais de dificuldade estavam no horizonte e foram percebidos por filósofos e psicólogos incomodados com a frivolidade e a superficialidade do ambiente social. Destaque-se o olhar que Sigmund Freud dirigia desconfiado para esta sociedade quase perfeita. Ele apontava para forças animais e libidinosas reprimidas e prontas para explodir por traz da aparente perfeição. Recorde-se a análise de Edmund Husserl contida em *A crise da humanidade européia e a filosofia* que anuncia dificuldades de pensamento e valores porque a visão positivista e moderna não instrumentalizava aquela geração para enfrentar os problemas que se avizinhavam. Urbano Zilles, comentando o texto de Husserl, mostra que o filósofo alemão identifica os problemas da ciência moderna e dos rumos da cultura do seguinte modo (1996): “Na *Krisis* Husserl indaga o porquê do fracasso das ciências, perguntando pela origem da crise, reescrevendo a trajetória da razão ele constata que as ciências se afastaram, pela matematização, do mundo da vida, substituindo-o pela natureza idealizada” (p. 8).

3. A crise de cultura que ainda hoje respiramos ganhou contornos dramáticos no palco da história quando explodiu a I Guerra Mundial em 1914. Ela trouxe perdas e mudanças em todos os campos da existência: desarticulou a economia, mudou a organização da família, modificou a vida nos espaços públicos pela forte presença das massas, transformou o liberalismo conservador e aristocrático com a presença crescente do Estado na vida social. Terminada a I Grande Guerra as dificuldades persistiram com a crise econômica de 1929 que levou a queda da produção mundial em 40 por cento e do comércio internacional em 60. O resultado foi o aumento da pobreza, a desconfiança no sistema liberal e a II Grande Guerra. No leste da Europa a Revolução Soviética procurou resolver as diferenças sociais e a pobreza com a uniformização da sociedade e planificação econômica. A revolução soviética expandiu-se para nações vizinhas da Rússia, espalhou o terror e o medo, eliminou as expressões independentes do espírito, criou a guerra fria e baniou a liberdade do espaço público, mas não resolveu as diferenças sociais. Nas nações ocidentais, o antagonismo dos povos revelado nas Grandes Guerras foi transportado para o interior dos Estados com: intolerância racial, guerra civil na Espanha, disputas de classes, a ideia de raça superior trazendo desespero e insensibilidade ante os diferentes. Enfim, surgem governos fortes, de partido único e inimigos da liberdade pessoal. Ao final da Segunda Guerra um balanço das décadas anteriores mostrou a degradação humana e os males criados por governos totalitários.

4. As dificuldades da vida se exprimiam na tensão crescente entre vida pessoal e funcionamento do Estado, chamado a prestar serviços cada vez mais complexos à população empobrecida pelas guerras, revoluções e crises econômicas. Uma população que sentia no íntimo as dúvidas sobre o sentido da vida face ao desemprego, fome, guerras, angústia, sofrimento e morte. Esta tensão foi captada por Tancredo Neves e expresso do seguinte modo em texto retirado de *Sua Palavra na História* (1988): “O drama de nossa civilização está em que, ao mesmo tempo em que precisamos preservar no homem a iniciativa e a liberdade, o Estado é chamado a desempenhar funções cada vez mais variadas e a empreender serviços cada vez mais complexos “(p. 7).

5. Mesmo nas nações de forte tradição liberal, houve o fortalecimento do Estado na vida política, social e econômica com a popularização das posições de Keynes. O essencial de sua proposta era não desvincular o trabalho social do Estado da liberdade individual, mas o modelo concebido estava distante do liberalismo do século XIX. O risco de mudanças radicais crescia perigosamente, em especial nos países mais pobres. Por ocasião da intentona comunista, quando se constatou que era real a articulação política com recursos do governo soviético, Tancredo Neves assim se expressou no jornal *O Correio* na edição de 13 de julho de 1935: “O Brasil está na

iminência de se transformar em cenário de uma civilização materialista, feita de massacres, de fogueiras, de rancores, de perseguições, em que, aos eternos direitos do espírito se sobreporão às necessidades do estômago arvorado em bandeira de combate” (O início da luta, p.1).

Constata-se que eram palpáveis os riscos representados pelo totalitarismo consolidado em países importantes como a Itália, Alemanha e União Soviética.

6. Para avaliar as posições políticas totalitárias e seu impacto na vida das pessoas, “foi planejado um seminário pelo grupo de pesquisa Santos (registrado na plataforma Lattes do CNPq)” (p. 7). O evento fez parte da *XIII Semana de Filosofia da UFSJ* realizada no ano de 2010 e as apresentações reunidas no livro *Poder e moralidade, o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade*, recentemente publicado, em São Paulo, pela Annablume. Os capítulos do livro contribuem para entender o fenômeno totalitário, apontando os riscos do totalitarismo nos momentos de dificuldade econômica e crise social. Os organizadores do seminário consideraram fundamental a divulgação das diferentes abordagens do fenômeno, pois ao estudá-las fica-se em condição de melhor identificar seus riscos e os resultados de uma sociedade que saiu deles ocupada com o existir concreto, vivendo os riscos da solidão na angústia da contingência de viver escolhendo o futuro. Daí diria o filósofo Albert Camus, o homem se descobre na incerteza da náusea e da desesperança, na angústia da liberdade que o condena à morte. Ele se vê perdido em seu desejo de compreensão racional numa realidade que se apresenta completamente irracional. A filosofia existencial deu voz às interrogações sobre o sentido da vida face à angústia, ao sofrimento e a morte. O existencialismo é a consciência dos horrores da Segunda Guerra e das ações dos governos totalitários.

7. Adicionalmente, é importante fazer um balanço do que passou no século passado para entender melhor as razões do conservadorismo econômico que marcou os últimos anos do século XX, em especial nos governos Tatcher e Regan, o significado da crise econômica iniciada em 2008 e que se arrasta até hoje. O pêndulo da história oscila, o século XX começou e terminou com um liberalismo conservador, depois de passar a maior parte do tempo com governos antiliberais, alguns de tendência totalitária. O medo de tudo o que foi vivido no século passado acentua a urgência de firmar solidamente valores como pessoa e liberdade expressas na declaração dos Direitos Humanos. E ainda há o desafio de vencer o propósito do prazer imediato e gozo irresponsável que vieram dos medos e angústias do século passado. Estamos na urgência de refazer o humanismo e a liberdade sobre outras bases.

8. O exame das experiências e do pensamento totalitário que teve curso no último século é

importante não só para o conhecimento da história recente, mas para entender a condição humana e a urgência de propor uma ética que favoreça uma sociedade mais fraterna. O assunto transcende o campo histórico e político e expressa uma concepção filosófica de homem e de mundo. Ente social, o homem se revela no espaço político, é nele que faz escolhas e soluciona conflitos de interesse. Entender o homem em sociedade é um dos desafios centrais da filosofia contemporânea porque a circunstância, expressou-o Ortega y Gasset, integra seu modo de ser.

2. Aspectos do totalitarismo revelados no livro

9. O século XX passou por intensas transformações e viveu o fenômeno totalitário na raiz de suas dores e conflitos profundos. Os estudos reunidos no livro mostram o totalitarismo como adversário da liberdade e dignidade humanas. O que se nota nos capítulos do livro é o entendimento de que as escolhas pessoais e dos grupos podem rumar para o totalitarismo, mas o ideal acalentado no ocidente é o da liberdade.

10. Liberdade e dignidade humanas são valores fundamentais que a sociedade ocidental reconhece como universais. O mundo ocidental, em que pese experiências contrárias, encontra-se, desde a Idade Média numa cruzada histórica pela liberdade. Parece que é assim porque a tradição histórica desta sociedade focou a ideia de pessoa humana, entendida a partir do Cristianismo, da Filosofia e do Direito, como o seu valor nuclear. A liberdade nos coloca dupla questão: a de pensar e agir livremente, problemas que Emmanuel Kant tratou nas suas *Críticas*. Expressão da liberdade ontológica, ou parte dela, a liberdade política efetiva-se na comunicação e no espaço público.

11. No capítulo dedicado a Karl Jaspers, indico que ele trata a liberdade como definidor da condição humana e o totalitarismo como seu contraponto. Jaspers considera a liberdade raiz da autêntica democracia, porque democracia sem liberdade despreza a condição humana. Comento a noção de culpa metafísica, conceito fundamental que ele emprega para tratar o fenômeno totalitário. Culpa metafísica é o que define o horizonte vital do povo alemão ao final da Segunda Grande Guerra. Os alemães lhe pareciam responsáveis pelo que ocorreu no nazismo. Jaspers associa culpa e mal metafísico. E o que é o mal metafísico? É o desejo de fazer o mal e espalhar o ódio. O fato é aterrador: a razão aponta para a moralidade, mas instintos sem controle pervertem-se no gosto de praticar o mal.

12. No capítulo denominado *A bioética e sua relação com os direitos humanos – uma contraposição ao Totalitarismo*, Ricardo Silva e Napiê Silva aprofundam o significado da liberdade tendo por referência as ideias de Hannah Arendt. Eles elaboram a sugestiva hipótese de que os

atuais estudos de bioética constituem trincheira teórica contra o totalitarismo. Assim é porque a bioética defende a vida, o bem comum e a liberdade no espaço público, concluem.

13. Selvino Malfatti fez ampla reflexão sobre o totalitarismo. Ele lembra que o eixo central da moralidade ocidental é a pessoa humana. O fenômeno totalitário, esclarece, é experiência recente da história política do ocidente e constitui um desvio de rota da tradição principal. O propósito central do totalitarismo é contestar a liberdade pessoal e tratar a sociedade como massa homogênea, tomando-a como base política do poder do Estado.

14. José Carlos Souza Araújo traduz e comenta a transcrição da doutrina fascista escrita por Giovanni Gentile e Benito Mussolini para a Enciclopédia Italiana de Ciências, Letras e Artes de 1932. É um documento esclarecedor das ideias fascistas e não tinha tradução portuguesa o que realça seu valor. Pode-se resumi-las assim: o homem subordina-se à nação; cada cidadão submete-se à vontade superior do Estado que o eleva à condição de membro de uma sociedade espiritual; a nação é obra do Estado que confere ao povo unidade moral e de vontade; o Estado não é apenas um instituto de autoridade interna, mas uma força que faz valer sua autoridade externamente e, finalmente, o Estado fascista não apenas cria leis e funda institutos, mas promove e alimenta a vida espiritual da sociedade. O que se observa no capítulo é que o Estado fascista retira sua força do núcleo coletivo da sociedade.

15. No capítulo *Absolutismo hobbesiano e totalitarismo*, Adelmo José da Silva aprofunda a hipótese de Hannah Arendt. Ele explica que o totalitarismo é fenômeno do século XX, mas tem raízes antigas. Adelmo aponta o *Leviatã* de Thomas Hobbes como um destes momentos pelo que defende: a. o medo do dirigente que tem poderes ilimitados; b. ausência da autoridade da obrigação de prestar contas das suas ações; c. direito do dirigente de interpretar e definir os rumos da política de forma absoluta; d. origem do poder nascida do desejo de ordem e da missão de salvar o Estado que se entende ameaçado. O projeto absolutista de Hobbes e o totalitarismo são respostas a problemas e tempos diferentes, mas representam um desvio de rota dos valores centrais da cultura ocidental.

16. António Pedro Mesquita examina outra experiência antiliberal que antecedeu os estados totalitários no século XX: o tradicionalismo português. A falta de apreço pelo liberalismo começa no tradicionalismo. Mesquita faz uma síntese do que pensaram os tradicionalistas portugueses: Marquês de Penalva, Faustino da Madre de Deus, Gama e Castro e José Arcúcio das Neves. Ele diz que o tradicionalismo político lusitano era híbrido e associava corporativismo, contratualismo e voluntarismo e tinha por características: valorização das experiências políticas

historicamente validadas, sociedade concebida organicamente com primado do coletivo sobre o indivíduo e rejeição das revoluções como renovação social. Das características mencionadas a segunda é a que mais se aproxima dos movimentos totalitários do século XX.

17. Ernesto Castro Leal apresentou importante esclarecimento sobre o destino histórico do tradicionalismo dissociando-o do catolicismo. Ele estuda a crítica do Pe. Abel Varzim aos movimentos totalitários lusitanos. Esclarece que as bases teóricas do totalitarismo lusitano foram elaboradas pelo movimento nacional sindicalista de Francisco Rolão Preto e Alberto Monsaraz. O movimento era nacionalista, revolucionário e antiliberal, inspirando-se no fascismo italiano. Pe. Varzim o condena pelos riscos de um novo paganismo e de estabelecer a estatolatria. O sacerdote rejeita ambas as coisas com base na tese que o homem e não o Estado é origem e fim da sociedade, em oposição ao fascismo. O Padre também rejeita a aproximação do movimento com o comunismo internacional, com o qual o nacional sindicalismo português partilha a concepção materialista e economicista da vida. Suas críticas guardam semelhança com as críticas de Ortega y Gasset à sociedade de massa.

18. O filósofo espanhol José Ortega y Gasset foi importante crítico do totalitarismo. Para ele, o fenômeno totalitário é típico da sociedade de massas que se estabeleceu na Europa no final do século XIX. O fenômeno das massas tem força como modificador da história. Quando a massa colocou o Estado a serviço de seu estilo rumou para governos totalitários. A massa, avalia Ortega y Gasset, não valoriza o talento individual, a liberdade e a vida pessoal. É triste que o sistema liberal traga o germe de sua corrupção, mas é o que sugere o filósofo. Sua conclusão é que o homem massa é a chave para entender o totalitarismo.

19. No capítulo denominado *Herbert Marcuse: totalitarismo e tecnologia*, Antônio Carlos Trindade da Silva comenta as teses do conhecido representante da Escola de Frankfurt. Ele esclarece que Marcuse entende o Estado Totalitário como variante do Liberal. Para Marcuse, o Estado totalitário ataca a cosmovisão liberal e as revoluções burguesas, mas não lhe é antagônico, pois preserva a propriedade privada. Ele avalia o nazi-fascismo, o comunismo soviético e o Estado do bem estar social dos americanos como uma nova etapa do capitalismo. Quanto à generalização do terror que o Estado totalitário implementa, Marcuse o atribui ao emprego da tecnologia. A posição de Marcuse contém grave distorção do assunto, pois não se pode tratar como variação do liberalismo um sistema: de partido único, sem liberdade de organização, sem divisão de poderes, sem controle do executivo, sem liberdade de imprensa, sem liberdade de expressão, com campos de concentração, sem estado de direito, etc.

20. No capítulo que elaborou sobre Hannah Arendt, Odílio Alves estudou a opção arendtiana de empregar o conceito beleza para examinar o fenômeno político. Odílio explica que a pensadora distancia política do conceito de bem, evitando o critério da ética tradicional. A estratégia consiste em mostrar que o exercício do poder tem por intento criar uma sociedade bela, isto é, digna e livre. O campo de concentração é o símbolo mais perfeito do mergulho no que há de mais tenebroso no poder totalitário: a destruição da humanidade do homem.

21. José Luiz de Oliveira também examinou o pensamento político de Hannah Arendt. Ele mostra que a liberdade política é o elemento estruturante da meditação arendtiana, aproximando-a de seu mestre Karl Jaspers. Revela que a destruição dos espaços políticos de liberdade é a raiz do fenômeno totalitário. Os regimes totalitários eliminaram tais espaços e mataram os não alinhados com o regime. Na história da filosofia há pensadores como Agostinho de Hipona que tratam da liberdade íntima possível aos escravos. Arendt, diversamente, seguindo Kant e Jaspers, entende que a liberdade necessita de espaço público para se efetivar. Por isso, conclui, a filósofa esteve sempre empenhada na elaboração de uma teoria política, tendo-a como questão fundamental da filosofia contemporânea.

22. Paulo César de Oliveira examina a contribuição de Lévinas para o estudo do totalitarismo. Para o filósofo o fenômeno totalitário tem raiz numa ontologia onde o ser é tudo. Essa ontologia reúne coisas, eventos e pessoas num único esquema racional, abolindo as diferenças entre eles. Trata-se de ontologia totalitária que adquire caráter dominador ao propor um projeto racional para controlar a sociedade. Para superá-la é preciso superar seu reducionismo, reconhecendo valor à alteridade. A descoberta do outro dá sentido específico à noção moral de responsabilidade, ser responsável é respeitar o singular que o outro é. Somos responsáveis pela dor e sofrimento impostos ao outro, fato desconsiderado no totalitarismo.

3. Considerações finais

23. É difícil resumir brevemente a riqueza do livro, mas ele mostra o valor da liberdade e os problemas representados pelo totalitarismo. O seminário que deu origem ao livro mostrou que o homem se animaliza e perde o que tem de típico quando é limitado por governos totalitários. Em resumo, o livro defende a liberdade pessoal, a singularidade existencial, a dignidade e direitos humanos pela defesa dos espaços públicos de liberdade.

Referências:

CARVALHO, José Mauricio de (organizador). *Poder e moralidade, o totalitarismo e outras*

experiências antiliberais na modernidade. São Paulo: Annablume, 2012.

HUSSERL, Edmund. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Tradução e comentários de Urbano Zilles. Porto Alegre: Edipcur, 1996.

NEVES, Tancredo. O início da luta. *O Correio*. São João del-Rei, 13/07/1935, p.1

_____. *Sua palavra na História*. Rio de Janeiro: Atheneu, 1988.

Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho
(UFSJ – São João del-Rei - MG - Brasil)
mauricio@ufs.edu.br

Data de registro: 20/06/2012

Data de aceite: 05/09/2012